

**A PSICOLOGIA COMO MOBILIZADORA DE NOVOS SENTIDOS:  
UMA EXPERIÊNCIA DE IMERSÃO CARTOGRÁFICA COM CRIANÇAS  
NA FUNDAÇÃO LAR FELIZ**

**PSYCHOLOGY AS A MOBILIZER OF NEW SENSES: AN EXPERIENCE  
OF CARTOGRAPHIC IMERSION WITH CHILDREN IN THE  
HAPPY HOME FOUNDATION**

**LA PSICOLÓGICA COMO MOVILIZADOR DE NUEVOS SENTIDOS:  
UMA EXPERIENCIA DE INMERSIÓN CARTOGRÁFICA COM  
NINÑOS EM LA FUNDACIÓN LAR FELIZ**

Antônio Cláudio da Silva<sup>1</sup>  
Layta Sena Ribeiro<sup>2</sup>  
Rachel Ribeiro França<sup>1</sup>  
Samantha Marczuk<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente artigo é um relato da experiência de inserção na Fundação Lar Feliz como parte da disciplina “Temas Atuais em Psicologia da Saúde” do curso de graduação de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. O objetivo do trabalho é compartilhar as afetações e fenômenos que atravessaram o grupo composto por quatro estudantes do 8º período, e as reflexões acerca da formação do profissional de Psicologia voltado para a realidade social nos contextos de vulnerabilidade. A experiência fundamentada no método cartográfico propiciou contato direto com o público da instituição e a partir disso, buscou-se refletir o quanto a Psicologia pode proporcionar uma escuta atenta e um posicionamento crítico-político acerca das realidades sociais. Esta grande área é, portanto, produtora de novos sentidos, no que diz respeito, às relações intra e interpessoais, bem como também, mobilizadora de novas formas de lidar com as problemáticas nos mais diversos ambientes.

**Palavras chaves:** Escola; Vulnerabilidade; Psicologia.

**ABSTRACT**

This article is a report of the insertion experience at the Lar Feliz Foundation as part of the discipline “Current Issues in Health Psychology” of the Psychology undergraduate course at

<sup>1</sup> Psicólogos graduados pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Correspondência eletrônica do autor principal: [claudiovofsi@gmail.com](mailto:claudiovofsi@gmail.com)

<sup>2</sup> Psicóloga e mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

the Federal University of Vale do São Francisco - UNIVASF. The objective of this paper is to share the affects and phenomena that crossed the group of four students from the 8th period, and the reflections on the formation of the Psychology professional focused on social reality in the contexts of vulnerability. The experience based on the cartographic method provided direct contact with the public of the institution and from this, we sought to reflect how Psychology can provide a careful listening and a critical-political position about social realities. This large area is therefore a producer of new meanings in terms of intra and interpersonal relations, as well as a mobilizer of new ways of dealing with problems in the most diverse environments.

**Keywords:** School; Vulnerability; Psychology.

### **RESUMEN**

Este artículo es un informe de la experiencia de inserción en la Fundación Lar Feliz como parte de la disciplina "Temas actuales en psicología de la salud" del curso de pregrado de Psicología en la Universidad Federal de Vale do São Francisco - UNIVASF. El objetivo de este trabajo es compartir los afectos y fenómenos que atravesaron el grupo de cuatro estudiantes del octavo período, y las reflexiones sobre la formación del profesional de Psicología centrado en la realidad social en los contextos de vulnerabilidad. La experiencia basada en el método cartográfico proporcionó contacto directo con el público de la institución y, a partir de esto, buscamos reflejar cómo la psicología puede proporcionar una escucha cuidadosa y una posición político-crítica sobre las realidades sociales. Por lo tanto, esta gran área es productora de nuevos significados en términos de relaciones intra e interpersonales, así como un movilizador de nuevas formas de abordar los problemas en los entornos más diversos.

**Palabras clave:** Escuela; Vulnerabilidad; Psicología.

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho é um relato de experiência ocorrida no ano de 2017, proposto pela disciplina “Temas Atuais em Psicologia da Saúde” do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, que abarca assuntos e práticas diversificadas e contemporâneas que podem ser escolhidas em co-construção pela turma e pelo professor. A instituição escolhida para as vivências nesse caso foi a Fundação Lar Feliz, uma creche-escola que se localiza no bairro Malhada da Areia, uma região periférica de Juazeiro-BA, onde a maioria dos moradores vivem abaixo da linha da pobreza. A realidade social deste local é permeada pelo tráfico de drogas, prostituição, crimes e violência.

O Lar Feliz funciona em período integral, em um turno com o ensino formal e o contra turno com reforço escolar e atividades extras. A Fundação é construída numa área de aproximadamente cinco mil metros quadrados, com a proposta de funcionar como um abrigo diário

para crianças entre 0 e 12 anos de idade, que se encontram em situação de vulnerabilidade. A estrutura é composta por salas de aula, cozinha, banheiros, sala de dentista, consultório médico, sala de informática, sala de música, berçário, parquinho, farmácia, biblioteca, sala de filme, horta, brinquedoteca e refeitório. A entidade é mantida basicamente por doações e pelo auxílio da prefeitura com o pagamento do salário dos professores.

A experiência fundamentou-se através do método cartográfico, que em sua definição geográfica, pode ser compreendida como a ciência e a arte de expor através de informações gráficas, como mapas ou cartas, os vários aspectos que se fazem presentes em uma paisagem ou superfície (PRADO FILHO; TETI, 2013). Nas ciências humanas, a cartografia, segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) citados por Souza; Francisco (2016), diz respeito, ao mapeamento das vivências humanas e seus significados, além da investigação de suas concepções, do delineamento das áreas envolvidas na produção de sentido, da rigidez que ao mesmo tempo limita e dá abertura a novas formas de expressão, bem como toda significação que recorta um certo tempo e lugar. Assim, a cartografia busca desenvolver uma observação de forma mais aproximada, e porque não dizer, vivencial das diversas variações que dão formas significativas às relações e afeições humanas (PRADO FILHO; TETI, 2013).

Na pesquisa cartográfica, o *metá-hódos*, que se apresenta como um caminho (*hódos*) determinado pelas metas (*metá*) torna-se *hódos-metá*, constituindo-se como “um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude” (PASSOS *et al.*, 2009). Portanto, o cartógrafo é parte integrante da investigação, não se pretendendo neutro e com um lugar pré-fixado. Desta forma, a expressão à qual o cartógrafo se propõe por meio deste método, dá-se através da produção textual em que ele está implicado, imbuído e presente. É na produção do diário de bordo (ou diário de campo) que o pesquisador não tem como isentar-se da “coemergência do objeto e do sujeito da pesquisa que se apresentam em sua provisoriade” (PASSOS *et al.*, 2009).

A experiência que perpassa todo o percurso cartográfico pode ser conceituada de acordo com Dutra (2002), como o resultado da relação entre a bagagem que foi construída ao longo da vida do cartógrafo, por meio de suas vivências pessoais e conhecimentos teóricos e o instante de seu contato com o meio no qual está inserido. Em muitas ocasiões a forma como estas experiências afetarão o cartógrafo, parecerão imperceptíveis, no entanto, é incontestável a maneira como estas farão parte dos seus arranjos perceptivos, “influenciando o seu estar-no-mundo em determinado momento” (DUTRA, 2002).

Pode-se ainda levar em consideração uma breve conceituação de Hannah Arendt sobre experiência, citada por Lafer (2007) quando diz: “para ela (Hannah Arendt – grifo nosso) a experiência é tanto o ensaiar, o pôr à prova, o testar, quanto à provação que permitem uma melhor compreensão das coisas” (LAFER, 2007). De acordo com a mesma autora, o valor epistemológico e existencial da experiência apresenta-se estritamente ligado à narrativa.

Por sua vez, a narrativa pode ser conceituada de acordo com Prado (2015) não como uma fonte de informações capazes de fornecer respostas, pelo contrário, a experiência vivida e transmitida pelo narrador sensibiliza, alcança o receptor (leitor/ouvinte) dentro dos significados que o mesmo atribui à experiência, assimilando-a de acordo com a sua própria; tendo ainda a capacidade de despertar nos seus ouvintes os mais diversos conteúdos e estados emocionais.

Portanto, ao se trabalhar com as narrativas dos sujeitos das pesquisas, o cartógrafo não só participa da história expressa na experiência vivida, mas, de acordo com Jeanne Marie Gagnebin, (1998), citada por Dutra (2002), “tornam-se ele mesmo participante desta reconstrução, através da profusão de sentidos, em função do seu não-acabamento essencial”. Isso faz com que o relato da sua experiência revele e transmita dimensões existenciais que assumem configurações próprias naquele momento, com aquele pesquisador, que também é “tocado” na sua experiência por tal narrativa (DUTRA, 2002). Embora seja a história de algo que lhe aconteceu, naquele momento a experiência ganha um novo formato e se revela de acordo com o total da estrutura existencial das pessoas envolvidas, como pode-se perceber no trecho a seguir:

A escolha de um método de inspiração fenomenológica parece o mais adequado quando se pretende investigar e conhecer a experiência do outro, uma vez que o ato do sujeito de contar a sua experiência não se restringe somente a dar a conhecer os fatos e acontecimentos da sua vida. Mas significa, além de tudo, uma forma de existir com-o-outro; significa compartilhar o seu ser-com-o-outro (DUTRA, 2002, p. 377).

Diante disso, o contato com a instituição propiciado pela disciplina, possibilitou experiências que geraram reflexões acerca da formação do profissional de Psicologia voltado para a realidade social nos contextos de vulnerabilidade, oportunizando crescimento profissional, por meio das vivências que abarcam a complexidade destes espaços.

## **A EXPERIÊNCIA**

A imersão em um ambiente é capaz de proporcionar experiências que permanecem indelévels, as quais mesmo com o passar do tempo, parecem estar vívidas e pulsantes. O que só é possível quando a experiência se dá pela via da afetação, como afirma Feijoo, “... O afeto é ato e, como tal, o sujeito afetado e o objeto que afeta são indissociáveis, cooriginários. O afeto consiste em certo modo de apreender o mundo” (FEIJOO, 2015). Estas afetações envolveram o grupo de pesquisadores, tornando-se capaz de delinear as formas como cada um se via mexido e impulsionado a uma atuação que não era meramente técnica/mecânica, mas que os levavam a repensar a sua atuação como profissional, o lugar de onde olhavam, por que percebiam e o que fariam com o que foram capazes de compreender. E nessa construção em grupo, cada partilhar da experiência pessoal foi convocadora para o coletivo.

O dia esperado chegou, e com ele as expectativas pelo primeiro contato com o campo. No caminho, as imediações da instituição, por apresentarem uma infraestrutura precária e com vias de acesso inadequadas, despertaram expressões de ansiedade e excitação. Ao chegar ao local, a forma como se deu o acolhimento proporcionado pela instituição fez toda a diferença no desenvolvimento das atividades, uma vez que, a abertura que foi dada aos pesquisadores pela direção da escola gerou uma melhor disponibilidade e desenvoltura para estar ali. Assim, no primeiro contato com a instituição realizou-se uma reunião com a gestora e coordenadora pedagógica, no qual foi apresentada a estrutura da escola, a realidade social em que a mesma está inserida e as suas problemáticas. As expectativas do grupo, enquanto estudantes de graduação, frente às demandas da realidade social complexa do Lar Feliz foram as mais diversas, variando do temor à alegria.

As problemáticas apresentadas envolveram diversas questões como: abuso sexual; violência física; desnutrição e subnutrição; falta de investimento público; prostituição; abuso de álcool e outras drogas e dificuldade de assistência continuada às crianças, uma vez que escolas do bairro que irão continuar a formação das crianças se detêm apenas ao aspecto do ensino formal, que em sua maioria é sucateado, deixando de trabalhar outras demandas importantes de maneira mais intensiva, o que complexifica a realidade que envolve os estudantes da instituição.

As questões supracitadas remetem ao fenômeno da vulnerabilidade social, que pode ser compreendida como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade de recursos (materiais ou simbólicos) dos atores sociais e o acesso à estrutura de oportunidades econômicas e culturais que provém do Estado, do mercado e da sociedade civil (ABRAMOVAY; PI-

NHEIRO, 2003). Algumas das principais características que marcam o estado de vulnerabilidade social são as condições precárias de moradia e saneamento, os meios de subsistência inexistentes, a ausência de um ambiente familiar saudável, a falta de acesso à educação, saúde, trabalho, lazer, cultura e restritiva perspectiva de mobilidade social (ABRAMOVAY; PINHEIRO, 2003).

A violência, outro acontecimento que marca a realidade das crianças do Lar Feliz, está intimamente relacionada à condição de vulnerabilidade social, principalmente em relação a certas camadas sociais, no qual os jovens são os mais atingidos (CERQUEIRA *et al.*, 2019), devido à escassa disponibilidade de recursos materiais e/ou simbólicos que acabam por agravar as suas condições de vida (ABRAMOVAY; PINHEIRO, 2003).

Diante dos discursos apresentados, identificou-se como assunto central a violência e suas diversas configurações, que envolvem a violência física, moral, simbólica, psicológica e sexual. A sinalização deste tema foi corroborada pela cena presenciada pelos autores entre duas alunas que adentraram a sala da diretoria, onde estava ocorrendo o momento de reunião inicial de imersão na instituição, com atitudes violentas. Este episódio possibilitou um turbilhão de afetações, desafios, reflexões, e sentimento de incapacidade. No entanto, o mesmo desafio impulsionou o direcionamento do olhar para essa realidade como uma oportunidade de exercer o papel social de profissionais em formação.

Com isso, a experiência vivida na instituição foi marcada por momentos compartilhados com um grupo de crianças do 4º ano do ensino fundamental, no qual se desvelou a necessidade de trabalhar noções que abarcassem a prevenção e o enfrentamento da prática da violência. Foram realizados quatro momentos com 25 alunos do 4º ano do ensino fundamental, no qual cada encontro trabalhou um tipo de violência - física, moral e psicológica (pelo fato da experiência ter acontecido no recorte temporal de uma disciplina, não houve como trabalhar todas as configurações de violência percebidas na realidade das crianças). Os estudantes foram escolhidos pela coordenadora pedagógica pelos seguintes critérios: estarem no último ano escolar e por ser uma turma com relações conflituosas, que se delimitavam por traços de rivalidade.

No primeiro encontro, foi abordada a temática violência psicológica com o objetivo de proporcionar reflexões sobre a tolerância, através da exibição do curta-metragem do desenho animado “Dumbo” que abordou a temática “respeito pela diferença” seguido de um momento de discussão com as crianças. No segundo encontro tratou-se do tema violência física a fim de propiciar o contato de formas alternativas para lidar com a agressão física. A dinâmica principal

desse encontro visou discorrer sobre a vivência no cotidiano das crianças por meio de encenações que traduziam situações práticas da sua realidade. No terceiro encontro discutiu-se o tema violência moral através da ludicidade, utilizando a brincadeira “caça ao tesouro”, que teve como objetivo oportunizar as crianças reflexões sobre enfrentamento da violência moral através das “palavras - tesouro”. É importante frisar que a cada encontro recapitulou-se com as crianças os conteúdos trabalhados nos momentos anteriores. O último encontro, teve como finalidade a avaliação da intervenção utilizando a massa de modelar como recurso criativo para externar as compreensões que foram adquiridas nas atividades propostas.

Em relação ao manejo com as crianças, sentiu-se muita dificuldade devido à agitação dos estudantes e os conflitos vivenciados pela turma, em alguns momentos foi difícil manter a atenção das crianças, o que gerou por muitas vezes o sentimento de impotência e a sensação de que em certas situações não houve a compreensão da atividade proposta. Em algumas atividades percebeu-se que o grupo não conseguiu promover acessibilidade, uma vez que o sentimento coletivo foi de que a comunicação não foi tão clara, pois ao notar a reação das crianças, pôde-se perceber que muitas palavras que foram ditas, talvez não fossem compreendidas plenamente, justamente pelo uso de jargões teóricos ou ainda, pela dificuldade de uma formação voltada aos públicos sociais vulneráveis e as suas especificidades.

A partir disso, ficou evidente o quanto é necessário dialogar através do lúdico para garantir a motivação e o interesse das crianças no desenvolvimento das atividades, pois, a ludicidade é uma forma de comunicação infantil, que pautada pela brincadeira, ordena sentido as práticas, desejos e necessidades infantis, bem como é através do lúdico que a criança demonstra curiosidade e motivação para engajar-se na construção e reflexão da realidade que a cerca (PEREIRA *et al.*, 2016).

No que diz respeito à infraestrutura do Lar Feliz, a impressão de surpresa foi a que predominou, uma vez que destoava totalmente da realidade vulnerável do bairro onde está localizado. Percebeu-se que o ambiente fornece subsídios importantes para estimular o interesse das crianças no seu processo de aprendizagem, além de ser um lugar propício para o desenvolvimento da integração entre as crianças, o que pode permitir o fortalecimento de laços, sendo um ambiente além de escolar, também de lazer e convívio social.

É de grande relevância que a infraestrutura e o espaço físico de um ambiente escolar tenham sua devida importância não só pelas suas dimensões geométricas, mas também pelas suas dimensões sociais. Mediante a esses fatos, é



indispensável que tanto a infraestrutura quanto o espaço físico escolar passem a serem objetos de observação (LIMA; NASCIMENTO, 2010).

Outro ponto percebido foi o impacto que o formato de ciranda tem dentro do trabalho com grupos, uma vez que relações mais horizontalizadas, foi um dos focos desta experiência. Todos os momentos ocorridos na escola foram em roda, o que gerou reflexões sobre como essa configuração proporcionou que as mesmas se sentissem vistas e acolhidas, mesmo que por algum momento. Assim, é importante estabelecer imperativamente a necessidade do mundo “se fazer ciranda”, pois o coletivo do presente trabalho, almeja pelos dias em que no trânsito dos mais variados espaços, seja garantida a presença das mais distintas cores, formas, peculiaridades, idiossincrasias e particularidades, isto é, espera-se que a diversidade como um todo, seja acolhida, e de maneira prioritariamente equitativa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode-se dizer que o método cartográfico tem como objetivo acompanhar processos, evidenciando matérias de expressão e criação de sentidos, sem premissas de definição de regras abstratas acerca de procedimentos a serem empregados. O método não pressupõe se antever ao estabelecimento de caminhos lineares para atingir determinados fins. Ao contrário, trata-se sempre de habitar um certo campo de pesquisa para com ele dar forma àquilo que se apresenta enquanto traços de um território intensivo.

A vista disso, notamos que ao nos depararmos com a alteridade daquilo que não nos é próximo, há sempre algo que se desperta e que foge as prerrogativas teóricas e técnicas. Nos momentos em que os autores estiveram na instituição, houve implicações e provocações que os atravessaram subjetivamente. Fugir da zona de conforto e lidar com subjetividades que coexistem no percurso da vida, provocam uma variedade de aprendizados, pois algo sempre se passa nas dinâmicas, antes desconhecidas, do encontro com o outro.

Por fim, ressalta-se que os encontros promovidos suscitaram a potencialidade que a Psicologia pode viabilizar nos mais diversos espaços, marcada por algumas ferramentas particulares que a mesma propicia: a escuta atenta e as provocações daquilo que antes estava adormecido, oculto ou mesmo latente, propiciando para os profissionais e crianças da instituição a produção de novos sentidos acerca das relações estabelecidas naquele local.



## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M., *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: Desafios para políticas públicas.** Brasília: UNESCO, 2002.

CERQUEIRA, D. C. *et al.* **Atlas da violência 2019.** 2019.

DUTRA, E. **A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica.** Estudos de psicologia, v. 7, n. 2, 2002.

LAFER, C. Experiência, ação e narrativa: reflexões sobre um curso de Hannah Arendt. **Estudos avançados**, v. 21, n. 60, p. 289-304, 2007.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEREIRA, L. da S. *et al.* Ações educativas em saúde estimulando o desenvolvimento infantil. **Revista Universo & Extensão**, v. 4, n. 4, 2016.

PRADO FILHO, K.; TETI, M. M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, n. 38, p. 45-49, 2013.

PRADO, R. A. de A. **Hermenêutica filosófica, fenomenologia e narrativa: percurso metodológico de uma pesquisa em psicologia clínica.** **Psicologias**, v. 1, 2015.

SOUZA, S.; FRANCISCO, A. **O método da cartografia em pesquisa qualitativa: estabelecendo princípios... desenhando caminhos.** CIAIQ2016, V. 2, 2016.

**Artigo recebido em** 12 de fevereiro de 2020

**Artigo aprovado em** 23 de março de 2020